

ARFUCH, Leonor. *Memoria y autobiografía; exploraciones en los límites*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013. (Sección de obras de Sociología). 156p.

Zilá Bernd¹

Leonor Arfuch é professora e pesquisadora da Universidade de Buenos Aires e dedica-se ao estudo das questões relativas à memória cultural, já tendo publicado pelo Fondo de Cultura Económica: *El espacio biográfico; dilemas de la subjetividad contemporánea* (2002) e *Crítica cultural entre política y poética* (2008).

Sua paixão pelo autobiográfico, pelas literaturas de testemunho e pela recuperação da voz dos que não puderam manifestar-se, durante o período da ditadura militar na Argentina, deu-lhe projeção nacional e internacional. No presente livro a autora coloca as questões: Como o biográfico e o memorial se entrelaçam? De que modo o relato auto/biográfico configura a experiência? Quais os limites entre testemunho e ficção? São essas as questões norteadoras de *Memória y autobiografía; exploraciones en los límites* onde são questionados ao mesmo tempo os relatos testemunhais, a autobiografia e as narrativas de vida juntamente com as autoficções literárias além das artes visuais comprometidas com os problemas da sociedade atual.

A obra está dividida em seis capítulos. Inicialmente são abordadas as relações entre o biográfico e o memorial, ou seja, “entre valor biográfico e valor memorial”. Para tal, aciona dispositivos de várias disciplinas como teoria do discurso, semiótica, psicanálise, crítica literária e cultural.

Teóricos e filósofos como Jacques Derrida, Hannah Arendt, Walter Benjamin e Roland Barthes entre muitos outros fornecem o suporte teórico para falar em reconfiguração dos gêneros considerados canônicos como a autobiografia, as memórias, os diários íntimos, as cartas que seguem na esteira das *Confessions* de Jean-Jacques Rousseau, que inauguraram o gosto que pelo confessional que foi dominante no Romantismo do final do século XVIII e início do XIX. Na pós-modernidade, esse transbordamento da subjetividade adquire novos contornos como a autoficção que, diferentemente da autobiografia, propõe um jogo de equívocos com o leitor onde se redesenham os limites (de que fala o título do livro) entre

¹ Zilá Bernd, professora dos programas de Pós-graduação em Letras/UFRGS e Memória Social/Unilasalle. Bolsa PQ/CNPq.

personagens e acontecimentos reais ou ficcionais. Abrem-se as portas, nessa introdução, para abordagens da rememoração como parte integrante da transmissão da cultura e das relações entre o biográfico e o memorial.

No segundo capítulo: “O olhar como autobiografia, o tempo, o lugar e os objetos”, a autora coloca as perguntas: que lugares configuram uma biografia e como se vinculam afeto e lugar? Como se narra uma vida? Como tornar presente o que está ausente? Torna-se importante no ensaio de Leonor Arfuch focalizar as memórias ligadas a acontecimentos traumáticos, como as do período da ditadura militar na Argentina. Passará a tratar das experiências do escritor W.G. Sebald e do artista visual Christian Boltanski. Menciona a casa, o lar como espaços biográficos privilegiados, constituindo-se, no dizer da autora, em primeiros territórios da exploração das afetividades. A pergunta: em que lugares se configura uma biografia? é respondida por Sebald, um dos mais importantes escritores alemães da atualidade, da seguinte forma: no caminho, na viagem, na errância por territórios emblemáticos. Reforça a importância do papel dos objetos no trabalho de rememoração que implica o autobiográfico. À página 47, trata de elucidar as diferenças entre biografia e autobiografia, lembrando que ambas têm em comum o desdobramento de si. Suas fronteiras não são tão nítidas, já que há muito de autobiográfico na maneira de um autor abordar a vida do outro. Conclui esse capítulo, apontando para a articulação entre o memorial e o autobiográfico; para a enorme dificuldade de abordar as memórias traumáticas e os dilemas de sua representação; e para a vinculação entre narração e justiça.

No terceiro capítulo são abordadas as relações entre memória e imagem. Aponta para a capacidade das imagens (acústicas, fotográficas, imagens literárias e até olfativas) de despertar zonas apagadas, negadas ou reprimidas da memória. Em inúmeras passagens alude à importância do papel de transmissão memorial de uma geração à outra. Cita Maurice Halbwachs para quem a transmissão é a chave e o dom que guia as gerações e essa transmissão só se realiza quando uma imagem é recuperada, passando a integrar a memória coletiva.

O quarto capítulo, intitulado “Mulheres que narram; autobiografia e memórias traumáticas”, afirma que as narrativas de testemunho e autobiográficas caracterizam a literatura argentina das últimas décadas. Trata também da delicada questão das políticas públicas da memória que abrem os recintos sórdidos onde se praticava a tortura para visita pública, criando lugares de memória e monumentos. Tanto a reconstrução dos fatos ocorridos através da linguagem ou da imagem constitui-se em etapas do necessário trabalho de luto após vivências traumáticas, quanto as do Holocausto e a das vítimas da ditadura na Argentina.

O próximo capítulo, que trata de violência política, autobiografia e testemunho, constitui-se em desdobramento dos capítulos anteriores, confirmando a predominância desde os anos 1970 de diferentes formas de elaboração coletiva do passado traumático. A necessidade do *eu* narrar o que foi visto e ouvido se caracteriza pela exatidão, mas acompanha-se de narrativas ficcionais que, ao libertarem-se das exigências do factual, reconstroem o passado a partir dos rastros, dos fragmentos memoriais, preenchendo as lacunas do esquecimento com elementos da imaginação.

O capítulo sexto: “O umbral, a fronteira, explorações nos limites” analisa elementos como linguagem e transgressão; arte na fronteira e arte pública e arte crítica. A autora discute aqui os paradoxos da globalização que, de um lado estabelece a conexão sem limites no espaço virtual e, por outro, agudiza a repartição dos territórios, apaga os rastros milenares, diferencia e exclui. Explica o que é “arte crítica”: “é a que fomenta dissensos, aquela que torna visível o que o consenso dominante costuma obscurecer e apagar” (Chantal Mouffe, 2007).

O último capítulo refere à dolorosa questão de que durante a ditadura, os nomes dos prisioneiros eram substituídos por números, na clara e evidente “tentativa de apagamento das subjetividades e da tentativa de desumanizar os subversivos”. A autora denuncia aqui a cruel prática de desaparecimento dos nomes, dos corpos, das marcas (rastros) deixados pelos prisioneiros do regime militar argentino. Essa prática deixa feridas no seio das famílias e também no corpo social porque a perda não pode ser assumida cabalmente nem honrada nos rituais do luto. Recusa-se a sepultura ao condenado à morte. Sabemos que entre os gregos, nada pior do que um corpo insepulto, pois sem uma lápide, a figura desapareceria da memória da família e da sociedade. Logo, não havia castigo mais cruel do que impedir o sepultamento, fato que se observa em algumas tragédias gregas e contra a qual os heróis sobreviventes se insurgem. Todos esses fatos corroboraram para fazer do testemunho um gênero privilegiado na Argentina, exercendo o papel de transmissão para as gerações atuais. Conclui mencionando o silêncio como homenagem maior às vítimas da ditadura: os espaços vazios como os de alguns centros de tortura, constituem-se hoje em eloquente protesto, como uma espécie de contra-monumento cuja intenção é mais a de assinalar o vazio e a falta do que a de estimular a inquietação da memória.

Recebido em: 12/06/2014 . Aceito em: 27/06/2014.